

LETÍCIA GONÇALVES
lgoncalves@redgazeta.com.br

NATALIA DEVENS
ncosta@redgazeta.com.br

Sob passos apressados e veículos ainda mais velozes, o Canal da Costa segue, vagarosamente, seu curso em direção à Baía de Vitória, marcando a paisagem com a Terceira Ponte ao fundo e dando as “boas vindas” a quem chega à Praia da Costa, em Vila Velha, com odor nada agradável.

Lixo de todo tipo também compõe o cenário e a rotina do que um dia se chamou Rio da Costa, cuja bacia de contribuição (área em que toda a água da chuva é drenada para um rio principal) é formada por 23 bairros, todos em Vila Velha.

Talvez por ser tão visto, o canal poluído seja o mais ignorado. Para o especialista em recursos hídricos Alberto Pêgo, o Canal da Costa é rio o mais urbano do Espírito Santo.

Foi justamente a urbanização que impulsionou obras que desconfiguraram o Rio da Costa, chegando a dividi-lo em dois. Obras que tinham o objetivo de evitar enchentes e facilitar o trânsito, mas sem preocupação com preservação ambiental e qualidade da água.

O rio, antes sinuoso, acabou retificado e canalizado, tornando-se bem diferente do curso d’água que um dia integrou a Fazenda da Costa, do primeiro donatário do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho. Mas não é preciso ir tão longe na história.

“É inexplicável como em um período tão recente a legislação brasileira tenha permitido que a Terceira Ponte tenha sido feita com os pilares dentro do Canal da Costa, estreitando, diminuindo a vazão. A Terceira Ponte poderia ter sido construída, o errado foi ter sido em cima do canal. Na década de 1950, o Canal da Costa tinha uma largura muito maior e não tinha ninguém habitando ao lado. Hoje, que tem muita gente habitando ao lado, ele tem uma largura muito menor, o que é um contrassenso. Ele andou na contramão por falta de planejamento”, afirma Pêgo, que é assessor especial da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano.

A construção da Terceira Ponte, inaugurada em 1989, é apenas um exemplo. Ainda antes, na década de 1950, o dique Santa Inês, feito para evitar inundações em Vila Velha, separou o Rio da Costa. Parte dele é hoje o Canal de Guaranhuns. Já o Canal da Costa, o outro braço que restou, agora começa em Coqueiral de Itaparica, em frente a uma borracharia, na Rua Itaoca. Lá, a água não parece ser a mesma que corre em diversos pontos: é quase transparente, livre da carga de esgoto. Pouco depois, no entanto, o que se vê são a cor e a densidade características de um valão.

É a constatação na Praia da Costa, bairro nobre que abriga o curso final do canal. “Nós pagamos tarifa de tratamento de esgoto há anos e isso representa 80% do valor da conta de água. Mas não resolve nada”, reclama o presidente da Associação de Moradores da Praia da Costa, Gilson Pacheco.



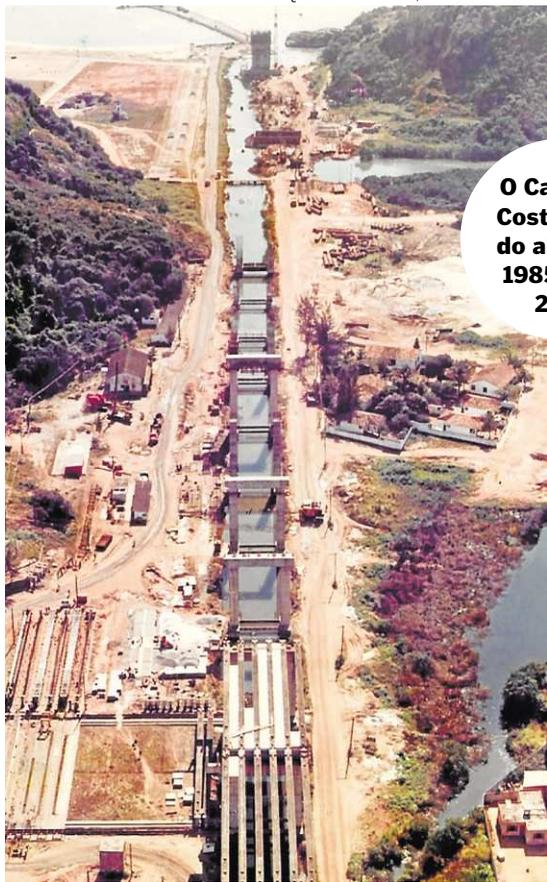
ÁGUAS PASSADAS

SÉRIE ESPECIAL

UM PROBLEMA 100% URBANO, VISTO E IGNORADO

CANAL DA COSTA, EM VILA VELHA, PASSA POR BAIRROS NOBRES.
OBRAS NÃO LEVARAM EM CONTA A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

ARQUIVO PESSOAL/ALBERTO PÊGO



O Canal da Costa visto do alto, em 1985 e em 2017

SECUNDO REZENDE

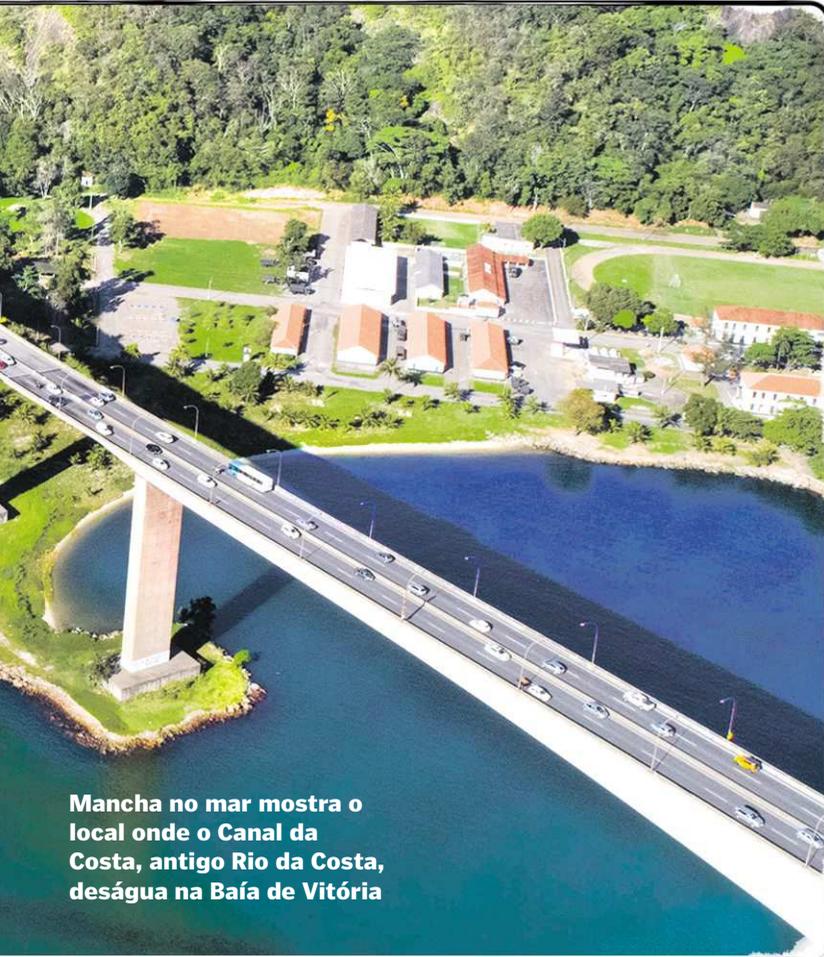


SEM LIGAÇÃO

De acordo com dados da Cesan, dos 68.835 imóveis instalados no entorno do Canal da Costa, 56.810 (83%) estão ligados à rede de coleta e tratamento de esgoto; 5.742 (8%) não estão ligados, apesar de haver rede disponível, e 6.283 (9%) não têm como se conectar porque a rede ainda não foi construída pela companhia. Ou seja, ao todo, 17% dos imóveis da região não têm o esgoto coletado e tratado pela Cesan. “Dezessete por cento não é pequeno, não. Depende do quanto ele (o rio) é capaz de diluir”, avalia o diretor de Engenharia e Meio Ambiente da Cesan, Amadeu Wetler.

“É um rio muito visto por todos e, por isso, é importante que a gente consiga fazer do Canal da Costa um exemplo, um brinco, em que a gente jogue nossas melhores tecnologias, nosso melhor esforço, para mostrar ao Espírito Santo que existe uma esperança, que os rios podem ser recuperados”, avalia Alberto Pêgo.

SECUNDO REZENDE



Mancha no mar mostra o local onde o Canal da Costa, antigo Rio da Costa, deságua na Baía de Vitória

UM RIO QUE PASSOU...

Enquanto isso, a professora aposentada Ilma Valadares, de 76 anos, moradora de Itapoã, vai às lágrimas ao lembrar do Rio da Costa. “Destruíram os goiamuns, os camarões, os peixes e os outros animais. Vi uma garça no canal esses dias, desafiando a imundície. É triste”, lamenta. “E tem muito lixo. A própria população joga móveis, entulho, já vi até um burro morto. Jogam tudo que acham que não serve, como se a água fosse dissolver tudo. O rio não tem dono e, ao mesmo tempo, é de todo mundo, mas ninguém quer se comprometer”, comenta a aposentada, testemunha das transformações pelas quais o rio passou desde 1966.

Edward Athayde D’Alcantara, de 88 anos, também aposentado, foi outro que viu o rio mudar completamente. “O Rio da Costa era conhecido pelos antigos simplesmente como ‘a maré’”, conta. “Durante as cheias ele não conse-

guia dar vazão às águas que invadiam as várzeas até perto da Rua Sete de Setembro e eram levadas lentamente ao mar.” Morador de Vila Velha desde 1932, ele lembra da enchente de 1960, quando a ponte que havia sobre o Rio da Costa desabou.

“A ponte de concreto que existiu na Avenida Champagnat (atual McDonald’s) sobre o Rio da Costa não resistiu, foi destruída e levada pela correnteza”, diz. A canalização e a retificação do rio foram realizadas para evitar cenas como as que Edward presenciou. Mas, somadas a outras ações, apagaram muito mais do que isso. Na avenida em que a ponte desabou já não há vestígios do velho rio, que teve o curso desfigurado.

“Perdeu o pobre, que dali tirava o sustento da família, e toda a população em geral, que tinha sempre às mãos um pescado ou um marisco saudável”, opina o aposentado.

FERNANDO MADEIRA



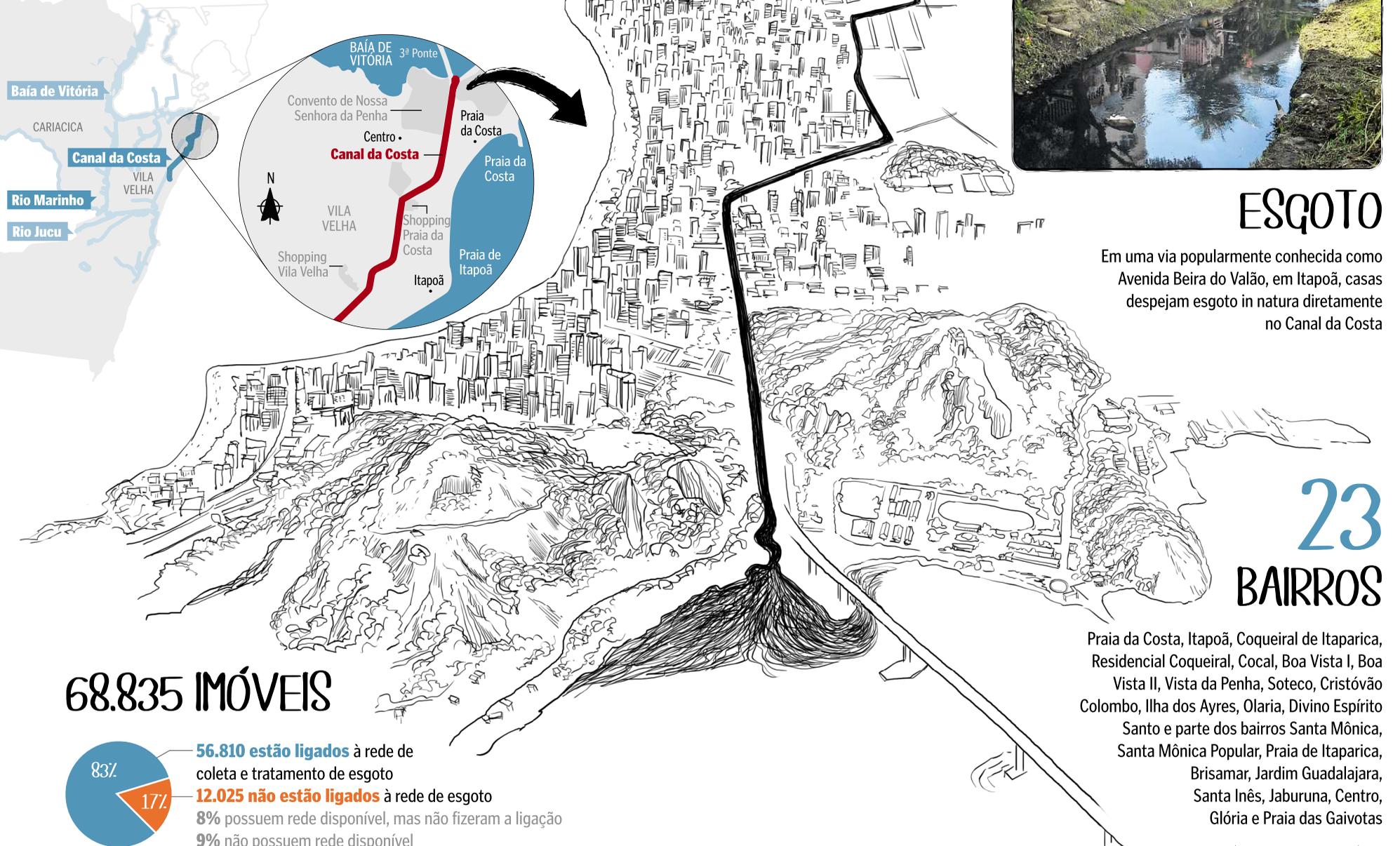
Edward D’Alcantara relata as mudanças no curso d’água



A aposentada Ilma Valadares lamenta a degradação do rio

CANAL DA COSTA

O Rio da Costa, após várias alterações em seu curso, passou a ser conhecido como Canal da Costa. Ele nasce e deságua em Vila Velha. O início pode ser considerado em Coqueiral de Itaparica e a foz, na Baía de Vitória, próximo ao 38º BI. Nos trechos finais ele se junta com o Canal Bigossi. Parte do curso do Canal da Costa foi retificada e canalizada

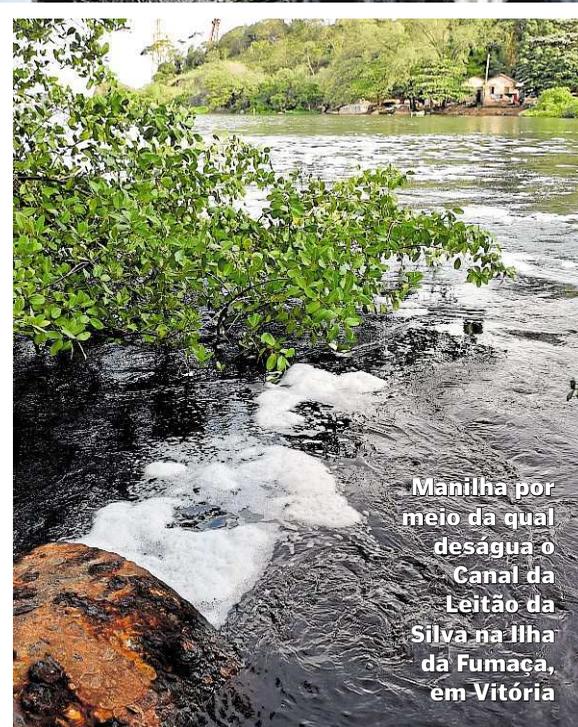




Última etapa da modernização da Avenida da Silva ainda expõe canal a céu aberto

FERNANDO MADEIRA

ERA PARA SER SOLUÇÃO. VIROU PROBLEMA



Manilha por meio da qual deságua o Canal da Leitão da Silva na Ilha da Fumaça, em Vitória

MODERNIZAÇÃO DA AV. LEITÃO DA SILVA VAI “DAR SUMIÇO” EM VALÃO POLUÍDO NA CAPITAL

/// LETÍCIA GONÇALVES
lgoncalves@redgazeta.com.br
/// NATALIA DEVENS
ncosta@redgazeta.com.br

Enquanto hoje motoristas e comerciantes contam os dias para o fim das obras de ampliação da Avenida Leitão da Silva, em Vitória, o canal que corta os dois sentidos da via usufrui de seus últimos meses com luz solar e ventilação disponível.

O curso d'água mais visível da Capital é um resquício do fechamento do mangue que existia na região. Em breve, ele vai dar lugar a mais uma pista para veículos e a uma ciclovia, passando por cima das águas que tornaram-se viscosas pela poluição e do mau cheiro característico de um dos mais importantes eixos viários da cidade.

Construído na década de 1970, o Canal da Leitão da Silva era um braço de mar que foi aberto artificialmente para fazer a drenagem das águas da região, muito sujeita a alagamentos por ser área de mangue, propícia à ação das

marés. Localizado em um vale, ele funciona também como um receptor de águas que descem dos morros e deságua na Baía de Vitória nas duas pontas: no bairro Andorinhas e na Ilha da Fumaça, próximo à Avenida Beira-Mar.

HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO

Foi graças ao Canal da Leitão da Silva que foi possível a ocu-

pação dos 15 bairros de seu entorno. “A avenida foi projetada por Saturnino de Brito no final do século XIX e se chamava Norte-Sul. Mas foi somente com o grande fluxo migratório da década de 70, quando chegaram as indústrias na Capital, que os aterros planejados foram concretizados. Mas com eles houve uma onda de ocupações irregu-

lares”, narra o geógrafo Vinícius André Netto, que fez um estudo sobre a via.

Enquanto a leste da Leitão da Silva há ruas largas e ocupação mais planejada, a oeste predomina a ocupação não projetada, inclusive em áreas de encosta. A maior complexidade de construção de rede de esgoto nesses locais faz com que 22% dos 20.097

imóveis da área abrangida pelo canal ainda não possuam rede de esgoto disponível para fazer a ligação. Outros 16% dos imóveis da região possuem rede, mas não se ligaram a ela e 62% estão ligados, segundo dados da Cesan.

A cobertura do canal da Leitão da Silva, apesar de ser uma demanda de parte da população, não é unanimidade entre especialistas. “Ao mesmo tempo em que várias cidades do mundo estão tentando aumentar a permeabilidade, temos Vitória impermeabilizando área e impedindo o escoamento natural das águas”, aponta o pós-doutor em engenharia sanitária Ricardo Franci. “É um erro. Na China, por exemplo, estão investindo para transformar as cidades em esponjas para reter água de chuva e usá-la no ambiente urbano. É o oposto que estamos fazendo”, destaca.

“Independentemente de estar coberto, tem água lá”, lembra o doutor em ciência ambiental Luiz Fernando Schettino.



CARROS EM PRIMEIRO LUGAR

Em sua pesquisa sobre a história da Avenida Leitão da Silva, Vinícius Netto observou que os projetos para a via sempre se restringiram à questão viária. “Os manguezais eram malvistas. Agora, não se pensa em recuperar a água do canal”, frisa.

CÓRREGO SEPULTADO SOB O ASFALTO

AVENIDA ESCONDE ÁGUA QUE CRUZA OS BAIROS FRADINHOS, JUCUTUQUARA E ILHA DE SANTA MARIA

Quem passa pela Avenida Paulino Müller, em Vitória, caminha despercebidamente sobre um silencioso córrego, contido em uma galeria de drenagem de água da chuva. O Córrego Jucutuquara, que até já foi utilizado para abastecer a cidade, hoje é história. Há somente um vislumbre do que já foi um dia, visível no bairro Fradinhos, em um pequeno trecho que escapou do concreto.

Cobrir os rios urbanos quando eles se tornam “incômodos” é a alternativa muitas vezes incentivada pela própria população para “resolver” o problema da poluição, como o despejo de esgoto, que, no entanto, não deixa de ocorrer. “Querem esconder embaixo do tapete”, resume a arquiteta Maria Cecília Barbieri Gorski, autora do livro “Rios e cidades: ruptura e reconciliação”.

A ocultação das águas do curso baixo do Córrego Jucutuquara ocorreu na década de 1960. “A vantagem pretendida era evitar um certo contato, ou muito mais por uma questão de embelezamento da cidade. As pessoas entendiam essa água como uma água suja. Até mesmo porque ela estava muito poluída por esgoto doméstico. Houve uma pressão da população para que se realizasse esse ti-

po de obra, eliminar da superfície da cidade esses cursos d’água poluídos, para mostrar um caráter civilizatório ou desenvolvimentista”, afirma Rafael Passos, mestre em arquitetura pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). “O ciclo de degradação das águas urbanas fez com que os rios e corpos d’água passassem a ser negados pelas cidades brasileiras.”

E o ciclo de degradação ainda não terminou. Não é possível ver o córrego na maior parte de sua extensão. Ele nasce no Parque da Fonte Grande e deságua na Baía de Vitória, próximo ao antigo terminal aquaviário. Mas não é difícil imaginar que continue contaminado, além de estar privado de seu curso original, da vegetação e de suas margens, atropeladas pelo asfalto.

A bacia de contribuição – área em que toda chuva é drenada para

um rio principal – do Córrego Jucutuquara é composta, além dos três bairros cortados pelo curso d’água (Fradinhos, Jucutuquara e Ilha de Santa Maria), por parte dos bairros Tabuazeiro, Santa Cecília, Do Cruzamento e Romão. Na região, de acordo com a Cesan, há 2.541 imóveis. Desses, 2.128 (84%) estão ligados à rede de coleta e tratamento de esgoto. Outros 246 (10%) não estão ligados, apesar de contarem com a rede disponível e outros 167 (6%) não têm como se conectar, uma vez que a rede ainda precisa ser construída pela companhia.

O Córrego Jucutuquara, ainda que tímido e escondido, é o segundo maior curso d’água da Ilha de Vitória, atrás apenas do de Maruípe, também oculto.

LIVRE

O encarregado de manutenção Valdomir Colombo, 51 anos, trabalha na Paulino Müller e nem faz ideia dessa história. “Pensei que fosse um valão, por causa da galeria, achei que fosse para passar esgoto”, diz. Perguntado se gostaria de ver o córrego correndo livremente, sem a cobertura de concreto, refletiu: “Se fosse um córrego mesmo... Mas já deve estar poluído”.

16%

DOS IMÓVEIS

É o percentual a que correspondem os 407 imóveis sem tratamento de esgoto na região.

NA INFÂNCIA, ÁGUA SERVIA A PESCA E BRINCADEIRAS

No pequeno trecho visível, atrás do Destacamento da Polícia Militar (DPM) de Fradinhos, em Vitória, o Córrego Jucutuquara vence as pedras e segue seu curso, mas com um volume de água bem menor do que o registrado na memória do aposentado Marcos Monjardim, de 75 anos, presidente da associação de moradores do bairro.

“Quando eu era criança a gente pescava muito aqui, acará, traíra... Você escolhia o peixe que queria pegar. A água era limpinha. Você podia beber a água,

não tinha esgoto. A gente era feliz e não sabia”, lembra Monjardim. Mas tudo mudou com a urbanização de Fradinhos.

“A Cohab fez um conjunto de casas nesta região e as pessoas começaram a jogar esgoto no córrego. Teve muito desmatamento também, o rio foi secando e os peixes sumiram. Foram feitas ruas, a galeria, e cobriram o rio, que antes era aberto até a pracinha de Jucutuquara. O bairro foi crescendo e os moradores pediram para fechar (o córrego)”, conta o aposentado.



Quem vê o canteiro central na Av. Paulino Müller nem imagina que há um curso d’água ali embaixo

FERNANDO MADEIRA

gazetaonline.com.br

leia amanhã

MATERIAL MULTIMÍDIA

Confira entrevistas em vídeo com especialistas e depoimentos de moradores. leia.ag/especialrios

POLUIÇÃO EM LAGOAS

No município da Serra, a Lagoa Jacuném padece com a falta de saneamento e muitos peixes já sumiram.

REPRODUÇÃO/FERNANDO MADEIRA

FERNANDO MADEIRA



Marcos Monjardim recorda os tempos de águas fartas

